

O LIVRO COMO PARATEXTO: A COLEÇÃO “COMO LER A BÍBLIA” (1990-1992)

Carolina Bednarek Sobral¹

Resumo: Em 1991, um ano após a primeira edição da Bíblia Pastoral, foi lançada pelas Edições Paulinas a coleção “Como Ler a Bíblia”. Cada um de seus volumes trazia interpretações dos livros bíblicos, capítulo a capítulo. Assim como a Bíblia Pastoral, o faziam sob a perspectiva da Teologia da Libertação, visível já nos títulos das obras, tais como “Como Ler o Evangelho de Lucas: Os Pobres Constroem a Nova História”, “Como Ler o Livro de Amós: A Denúncia da Injustiça Social”, ou “Como Ler o Livro de Miquéias: Um Profeta Contra o Latifúndio”. Os textos vinham sendo publicados no semanário “Bíblia-Gente”, também das Edições Paulinas (que possuíam grande inserção nas paróquias de todo o país por conta do folheto litúrgico “O Domingo”, amplamente utilizado nas missas) e foram, então, editados em formato de livro. Os primeiros volumes, que abordavam os livros mais populares da Bíblia, eram de autoria de Ivo Storniolo, Euclides Martins Balancin e José Bortolini, tradutores da Bíblia Pastoral, e de Marc Girard, este último membro da École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem, instituição responsável pela Bíblia de Jerusalém, publicada no Brasil pelas mesmas Edições Paulinas, tradução na qual também participaram Storniolo, Balancin e Bortolini. A coleção foi um sucesso editorial e continuou sendo publicada ainda nos anos 2000. Seus volumes foram também traduzidos para o espanhol (“Cómo Leer la Biblia”) pelos editores paulinos da Colômbia. Considerando a ideia de paratexto editorial, elaborada por Gérard Genette (Gérard Genette, Paratextos Editoriais, Cotia, Ateliê Editorial, 2009), nossa proposta é compreender a coleção “Como Ler a Bíblia” como formada por livros que são, em si mesmos, paratextos ao texto bíblico, sobretudo à primeira edição Pastoral, de 1990. Assim, a editora, instituição mediadora por excelência, exerce também uma mediação religiosa entre o leitor e o texto, isto é, entre o católico e a Bíblia. Tal mediação de caráter duplo, editorial e religioso, somente foi possível dentro da Igreja pelo próprio status dos editores paulinos, padres ordenados. Ainda que as Edições Paulinas possuísem também uma seção feminina, na qual freiras realizavam o trabalho editorial, somente aos homens cabia editar a Bíblia e, por conseguinte, livros de exegese e teologia. Por outro lado, a despeito do esforço eclesial para estabelecer interpretações específicas do texto bíblico, as perspectivas pouco ortodoxas (e, por vezes, quase radicais) expressas nos volumes de “Como Ler a Bíblia” e na própria tradução Pastoral demonstram a existência de diversas interpretações no núcleo da Igreja Católica, impossibilitando que esta seja considerada como uma instituição única e homogênea. Tendo tudo isso em vista, a comunicação pretende apresentar a coleção “Como Ler a Bíblia” em sua relação com a Bíblia Pastoral e a Teologia da Libertação, questões abordadas por nossa pesquisa de mestrado em andamento, “As Edições Paulinas e a Comunicação Católica no Brasil no século XX”, sob orientação da Profa. Dra. Marisa Midori Deaecto e financiada pela Capes

Palavras-chave: Como ler a Bíblia; Edições Paulinas; Bíblia Pastoral; Teologia da Libertação; Igreja Católica.

¹ Mestranda em História Econômica pela fflch/usp. Bolsista Capes (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), sob orientação da Prof^a. Dr^a. Marisa Midori Deaecto pesquisa a atuação das Edições Paulinas no Brasil entre as décadas de 1970 e 1990. carolina.bednarek@gmail.com.

Em 1990, mesmo ano da primeira edição da *Bíblia Pastoral*, foi lançada pelas Edições Paulinas a coleção *Como Ler a Bíblia*. Cada um de seus volumes trazia interpretações dos livros bíblicos, capítulo a capítulo. Assim como a *Bíblia Pastoral*, o faziam sob a perspectiva da Teologia da Libertação, visível já nos títulos das obras, tais como *Como Ler o Evangelho de Lucas: Os Pobres Constroem a Nova História*, *Como Ler o Livro de Amós: A Denúncia da Injustiça Social*, ou *Como Ler o Livro de Miquéias: Um Profeta Contra o Latifúndio*. Além disso, todas as citações bíblicas presentes na coleção eram extraídas da edição Pastoral.

Os textos vinham sendo publicados no semanário “Bíblia-Gente”, também das Edições Paulinas (que possuíam grande inserção nas paróquias de todo o país por conta do folheto litúrgico *O Domingo*, amplamente utilizado nas missas) e foram, então, editados em formato de livro. Seus volumes foram também traduzidos para o espanhol (*Cómo Leer la Biblia*) pelos editores paulinos da Colômbia.

Em 1990, há a publicação do primeiro volume, o único que não trata de um livro específico da Bíblia. Como uma espécie de introdução geral à coleção, *História do Povo de Deus*, de Euclides Martins Balancin, apresenta uma narrativa dos períodos bíblicos, de Moisés a Jesus. O primeiro capítulo, “Como É que Vamos Contar a História?”, dá o tom da coleção:

O povo não gosta de livros cheios de datas, documentos, explicações compridas, bibliografias. São muito complicados, usam palavras difíceis e técnicas, que provocam mais enfado do que estímulo. O povo está mais preocupado em valorizar e engrandecer os acontecimentos, e acha sem graça contar a história nua e crua. Prefere criar, contar “causos”, fazer comparações, inventar cantos. A história na boca do povo se torna pintura, que não distorce a realidade, mas faz com que os acontecimentos ganhem vida.

O povo não precisa de estatísticas para saber que uma seca acabou com toda a lavoura da região; basta ouvir a história comovida de uma família que perdeu sua rocinha e ficou sem nada para comer. Ele se lembra por muito tempo de toda a grande catástrofe provocada por uma tromba d’água, contando que viu uma criança sendo arrastada pela enchente.

Esses são os documentos que o povo apresenta para transmitir a história e preservar a lembrança de seu passado.

O povo preserva a sua memória do seu jeito².

Assim, inverte-se a equação. Se a Bíblia era conhecida por ser um livro “difícil” por suas parábolas e histórias cifradas, Balancin afirma que é justamente por essa característi-

2 BALANCIN, Euclides Martins, *História do Povo de Deus*, São Paulo, Edições Paulinas, 1990 (Como Ler a Bíblia).

ca que ela fala diretamente ao povo. Por narrar situações concretas, não por meio de abstrações e teorias, como fariam os intelectuais com seus livros “cheios de datas, documentos, explicações compridas, bibliografias”. A crítica à história acadêmica prossegue:

A maioria dos acontecimentos conservados na Bíblia são histórias contadas pelo povo e que foram passando de geração em geração. E sem a preocupação de que alguém um dia dissesse: “Isso não é histórico, porque não dá para provar que aconteceu assim mesmo”. As partes mais difíceis de guardar e entender são justamente aquelas que foram retiradas, não da história do povo, mas dos relatórios dos reis e conservadas em arquivos oficiais.

[...]

A Bíblia, portanto, lembra o passado de maneira popular e, ao mesmo tempo, vê os acontecimentos como instrução de Deus, que liberta e corrige³.

Busca-se apresentar a Bíblia como um livro próximo à cultura popular, e, portanto, acessível. A mesma estratégia seria utilizada nos outros números da coleção. Na introdução ao volume sobre a Segunda Carta aos Tessalonicenses, o autor, José Bortolini, lança mão de um recurso imaginativo e coloca seus os leitores frente a frente com os autores a quem é atribuída a carta (Paulo, Timóteo e Silvano, ou Silas):

Os participantes de um círculo bíblico, após terem estudado e aprofundado a segunda carta aos Tessalonicenses, resolveram entrevistar Paulo, Silvano e Timóteo. As perguntas nasceram de forma espontânea, e as respostas, à medida que iam sendo dadas, acenderam no grupo o desejo de conhecer melhor um texto que já havia sido estudado⁴.

A última pergunta dos participantes do círculo bíblico fictício é diretamente relacionada à vida material:

Na segunda carta que vocês escreveram aos tessalonicenses há uma frase que causou muita discussão entre nós. Vocês dizem: “Quem não quer trabalhar, também não coma” (3,10). Alguns de nós dizem: “Está vendo? Quem passa fome é porque é vagabundo!” Outros dizem: “Eu trabalho muito, mas não tenho o que comer!”⁵

3 *Idem.*

4 BORTOLINI, José, *Como Ler a Segunda Carta aos Tessalonicenses: Esperar é Resistir*, São Paulo, Edições Paulinas, 1991 (Como Ler a Bíblia), p. 7.

5 *Idem*, pp. 10-11.

Note-se que, ainda que Paulo, Timóteo e Silvano sejam considerados santos pela Igreja Católica, a relação é de proximidade e informalidade, com o uso do pronome “vocês”. A tal pergunta, Paulo responde: “A questão que vocês propõem é muito séria: se vocês trabalham e não têm o que comer, é sinal de que vivem num tipo de sociedade que serve a muitos ídolos. Que tal vocês descobrirem juntos quais são esses ídolos que causam a morte dos trabalhadores?”⁶

Como visto acima, José Bortolini refere-se aos leitores de *Como Ler a Bíblia* como participantes de círculos bíblicos. A prática de estudo e discussão dos textos bíblicos nas comunidades eclesiais de base era incentivada pelas publicações de editoras católicas. Um dos pioneiros da metodologia no contexto das comunidades eclesiais de base brasileiras foi o frade carmelita Carlos Mesters. Sobre isso, Frei Betto afirma, em seu livro *O Que É Comunidade Eclesial de Base* destinado sobretudo aos agentes pastorais leigos que nelas trabalhavam:

Muitas comunidades utilizam, como subsídio metodológico, os círculos bíblicos, criados por Frei Carlos Mesters. São folhetos em linguagem popular – linguagem visual e não conceitual, concreta e não abstrata, como nas parábolas do Evangelho – onde os fatos da vida são comparados aos da Bíblia⁷.

No texto de Betto, “linguagem visual” não se refere a figuras ou ilustrações – ainda que essas também possam ser utilizadas – mas à mesma questão posta por Euclides Martins em *História do Povo de Deus*, sobre a forma com que a Bíblia narra suas histórias a partir de acontecimentos da vida cotidiana.

Mesters foi um dos primeiros a transpor o método, fazendo uso de categorias tradicionalmente de esquerda e mesmo, por vezes, marxistas, à discussão dos textos bíblicos. Se desde pelo menos o pontificado de Pio XI (1922-1939) havia um esforço em aproximar os católicos da Bíblia⁸ – também como resposta à influência protestante –, e se no Brasil houve movimentos organizados nesse sentido já no período pré-Vaticano II⁹, estes eram fundamentalmente conservadores no conteúdo, embora pudessem ser inovadores na forma.

6 Idem, p. 12.

7 FREI BETTO, *O Que é Comunidade Eclesial de Base*, São Paulo, Brasiliense, 1985 (Primeiros Passos). É notável que este livro, um best-seller dos anos 80 sobre as comunidades, tenha sido publicado pela Brasiliense, fundada por Caio Prado Jr. e tradicionalmente ligada à intelectualidade de esquerda de São Paulo. O título de Betto teve uma das maiores tiragens nos primeiros anos da coleção Primeiros Passos, com 25 mil exemplares entre 1980 e 1985. A título de comparação, *O Que é Feminismo*, de Branca Moreira Alves e Jacqueline Pitanguy, teve uma tiragem de 23300 exemplares no mesmo período, enquanto o livro mais popular da coleção, *O Que é Ideologia*, de Marilena Chaui, teve 118 mil (GALUCIO, Andréa Lemos Xavier, *Civilização Brasileira e Brasiliense: Trajetórias Editoriais, Empresários e Militância Política*, apud REIMÃO, Sandra & CRENI, Gisela (org.), Caio Graco Prado e a Editora Brasiliense, São Paulo, Biblioteca Brasileira Guita e José Mindlin, 2020, p. 102).

8 Por exemplo, ao instalar-se no Brasil, os primeiros livros impressos pela editora dos padres paulinos foram evangelhos e, depois, Bíblias completas, sempre em português.

Para compreender em profundidade iniciativas como a de Mesters, dos círculos bíblicos, da *Bíblia Pastoral* e da própria coleção Como Ler a Bíblia, que apresentam método, conteúdo e objetivos distintos das experiências anteriores, isto é, alinhavam-se mais à esquerda, seria necessário retomar não apenas as mudanças vividas pela própria Igreja Católica após o Concílio Vaticano II, e em especial pelas igrejas latino-americanas após as conferências episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), como também pelas próprias experiências de educação popular realizadas no Brasil desde a década de 1950, como o Movimento de Educação de Base (MEB) dos anos 1960, que, além de fundado pela própria Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, teve forte participação de diversos setores da Igreja Católica¹⁰, entre eles movimentos leigos como a Juventude Universitária Católica (JUC)¹¹. E, é claro, a influência indiscutível das ideias e práticas de Paulo Freire, que, inclusive, trabalhou junto aos setores católicos¹².

Quanto aos círculos bíblicos, pelas Edições Paulinas, Carlos Mesters havia trabalhado em outra coleção, Por Trás das Palavras. O primeiro volume, *Bíblia: Livro Feito em Mutirão*, foi lançado pela primeira vez em 1983 e, em 1988, já estava em sua 12ª edição¹³. Alguns volumes foram escritos por outros autores. *Salmos: A Oração do Povo que Luta*, cuja primeira edição encontrada é de 1988, é de autoria coletiva: Euclides Martins Balancin, Ivo Storniolo e José Bortolini¹⁴. Portanto, os principais autores da coleção Como Ler a Bíblia já haviam trabalhado conjuntamente em projetos de método e objetivos similares coordenados por Carlos Mesters, que inclusive escreveu um de seus volumes, *Como Ler o Livro de Rute: Pão, Família, Terra*.

Em fins dos anos 1980, Balancin, Storniolo e Bortolini também levavam a cabo outro projeto editorial. Ao fim de cada capítulo de *História do Povo de Deus*, há a indicação: “Leia na sua Bíblia:”, seguida dos livros e capítulos correspondentes. Em 1990, as Edições Paulinas lançavam a Bíblia Pastoral. Dirigida por José Bortolini e traduzida e anotada por Ivo Storniolo e Euclides Martins Balancin “em linguagem corrente, evitando construções rebuscadas e palavras de uso menos comum”¹⁵, a edição buscava aproximar o público leigo da obra, tornando-a mais acessível. Mais do que isso, as notas de rodapé e os textos intro-

9 Como o Movimento Bíblico Católico (cf. MAINWARING, Scott, Igreja Católica e Política no Brasil 1916-1985, São Paulo, Brasiliense, 2004, p. 67).

10 FÁVERO, Osmar, “MEB – Movimento de Educação de Base. Primeiros Tempos: 1961-1966”, V Encontro Luso-Brasileiro de História da Educação, Évora, 5 a 8 de abril de 2004.

11 Sobre a experiência da Juventude Universitária Católica, ver, entre outros, o relato de LIMA, Haroldo & ARANTES, Aldo, História da Ação Popular: da JUC ao PCdoB, 2. ed., São Paulo, Alfa-Omega, 1984 (Biblioteca Alfa-Omega de Cultura Universal, Série 2ª, 33).

12 Ver, entre outros, FREIRE, Paulo, Os Cristãos e a Libertação dos Oprimidos, Porto, Edições Base, 1978.

13 MESTERS, Carlos, Bíblia: Livro Feito em Mutirão, 12. ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1988 (1. ed. 1983) (Por Trás das Palavras). Em 1977, Carlos Mesters publicou, pela editora Vozes, franciscana, a obra Por Trás das Palavras: Um Estudo sobre a Porta de Entrada no Mundo da Bíblia (Petrópolis, Vozes, 1977).

14 BALANCIN, Euclides Martins, STORNILOLO, Ivo & BORTOLINI, José, Salmos: A Oração do Povo que Luta, São Paulo, Edições Paulinas, 1988 (Por Trás das Palavras).

15 “Apresentação”, em Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, São Paulo, Edições Paulinas, 1990, p. 5.

dutoiros aos livros priorizavam uma interpretação histórica e social, na linha da Teologia da Libertação.

A primeira edição trazia o *imprimatur* assinado em 21 de dezembro de 1989 por Dom Vital Wilderink, então responsável pela linha de Catequese da CNBB e responsável pela Comissão Pastoral da Terra no estado do Rio de Janeiro¹⁶. Ainda que contasse com as devidas aprovações eclesiais e publicada em colaboração com a Sociedade Bíblica Católica Internacional, a edição Pastoral geraria inúmeras polêmicas nos círculos católicos conservadores. Em especial, por conta do “Pequeno Vocabulário” ao final do volume. O glossário foi alvo de críticas pela própria escolha dos verbetes, em sua maioria relacionados à problemática social, aliada a definições de tom profundamente político. O vocábulo “Lucro”, por exemplo, era assim definido:

Ganho conseguido graças ao mau pagamento do trabalho. Em geral, é empregado no desenvolvimento tecnológico e científico, que é pago pelo trabalhador, embora seja este quem menos usufrui dele. Todas as grandes fases de desenvolvimento econômico ocultam esse desvio, que enriquece a poucos e empobrece a maioria¹⁷.

Em linhas gerais, os conceitos abordados nesse vocabulário¹⁸ formariam as temáticas principais da coleção Como Ler a Bíblia. No entanto, pelo conteúdo crítico, o glossário foi removido nas próximas reimpressões, de acordo com um padre paulino, a pedido da presidência da CNBB. Naquele momento, os livros das Edições Paulinas já não traziam as autorizações oficiais impressas (*imprimatur* e *nihil obstat*), apenas a inscrição “com aprovação eclesial”, pois esses editores contavam com uma espécie de aprovação prévia e tácita a seu trabalho¹⁹. No entanto, a Bíblia requer uma formalidade especial.

16 Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, p. 4.

17 Idem, p. 1620.

18 Aliança, Alienação, Amor, Autoridade, Auto-Suficiência, Campo, Celebração, Cidade, Comércio, Compaixão, Comunidade, Conflito, Consciência, Conversão, Corrupção, Dinheiro, Direito, Discernimento, Dominação, Educação, Encarnação, Escravidão, Esperança, Exploração, Fé, Fraternidade, Gratidão, Herança, História, Idolatria, Injustiça, Integridade, Javé, Jesus, Julgamento, Justiça, Lei, Liberdade, Libertação, Liderança, Lucro, Memória, Morte, Oprimido, Ordem, Partilha, Páscoa, Paz, Perseguição, Pobre, Poder, Porta da Cidade, Povo de Deus, Produção, Projeto de Deus, Propriedade, Reino de Deus, Repressão, Ressurreição, Revelação, Riqueza, Roubo, Sabedoria, Salário, Santidade, Serviço, Sociedade, Temor de Deus, Trabalho, Tradição, Tribulação, Tribunal, Tributo, Utopia, Verdade, Vida, Violência (Idem, pp. 1616-1623).

19 Presentes no Brasil desde a década de 1930, as Edições Paulinas já haviam editado outras versões da Bíblia, como a do Padre Matos Soares e a de Jerusalém. Possuíam também grande proximidade com a oficialidade católica, publicando as coleções de Documentos e Estudos da cnbb. Um padre paulino e diversas irmãs paulinas trabalharam, inclusive, nos setores de comunicação social e assessoria de imprensa da cnbb e da Arquidiocese de São Paulo (Cf. MONTERO, Paula “Letras Católicas na Sociedade de Massas”, em DELLA CAVA, Ralph & MONTERO, Paula, E o Verbo se Faz Imagem: Igreja Católica e os Meios de Comunicação no Brasil, 1962-1989, Petrópolis, Vozes, 1991, p. 176).

Nesse sentido, a coleção *Como Ler a Bíblia* desempenharia um papel complementar. Com menor visibilidade e, por isso, maior liberdade, a coleção podia aprofundar e intensificar a interpretação ensaiada na *Bíblia Pastoral*. Em um movimento de mão dupla, as duas publicações, a *Bíblia* e a coleção, incentivam a leitura (e, é claro, a compra) uma da outra. Portanto, considerando a ideia de paratexto editorial, elaborada por Gérard Genette²⁰, é possível compreender a coleção *Como Ler a Bíblia* como formada por livros que são, em si mesmos, paratextos ao texto bíblico, sobretudo à primeira edição *Pastoral*, de 1990. O que seria também, é claro, economicamente vantajoso à editora. *História do Povo de Deus* já sugeria: “Leia na sua Bíblia”...

Assim, a editora, instituição mediadora por excelência, exerce também uma mediação religiosa entre o leitor e o texto, isto é, entre o católico e a Bíblia, tradicionalmente realizada pelo sacerdote. Tal mediação de caráter duplo, editorial e religioso, somente foi possível dentro da Igreja pelo próprio *status* dos editores paulinos, padres ordenados. Ainda que as Edições Paulinas possuíssem também uma seção feminina, na qual freiras realizavam o trabalho editorial, somente aos homens cabia editar a Bíblia e, por conseguinte, livros de exegese e teologia. Nesse sentido, a legitimação da obra ocorre, em grande parte, por conta da própria marca da editora, então já amplamente conhecida e reconhecida como católica. Para isso, também contribuíram as livrarias, que estabeleciam nas cidades espaços católicos para além das igrejas. Espaços que, como os livros publicados, possuíam marca e logotipo: Edições Paulinas.

Porém, as sugestões de atividades presentes nos volumes de *Como Ler a Bíblia* não envolviam, necessariamente, a leitura da Bíblia em si. Ao fim de cada capítulo, um *box*, à maneira dos livros didáticos, intitulado “Continuando a pensar...” propunha questões para, mais do que reflexão individual, debate entre os membros da comunidade. Como os temas bíblicos serviam de mote à discussão dos problemas sociais contemporâneos, a maioria das questões para debate seguiam a mesma lógica. Por exemplo, em *Como Ler o Livro de Samuel: A Função da Autoridade*, os autores Storniolo e Balancin propõe, após o último capítulo, as seguintes questões:

1. De que modo as nações estrangeiras hoje violam e descaracterizam a identidade do povo?
2. De quais inimigos externos temos que nos defender hoje?
3. Nossas autoridades servem ao povo, a grupos privilegiados ou a si mesmas?
4. Nossas autoridades defendem o povo de seus inimigos, ou vendem e entregam o povo aos lobos devoradores?

20 GENETTE, Gérard, *Paratextos Editoriais*, 2. ed. revista, trad. Álvaro Faleiros, Cotia/SP, Ateliê Editorial, 2018 (Artes do Livro, 7).

5. Nossas autoridades promovem a justiça e o direito, defendendo o fraco e o pobre, ou subvertem a sociedade, favorecendo a desigualdade, a divisão, a opressão e a exploração?
6. Temos consciência de que a função da autoridade, seja política, religiosa, familiar, de ensino, é servir ao bem comum?
7. A vocação para a autoridade é um dia tornar-se desnecessária. Por quê?²¹

Além do conteúdo político, chama a atenção o ponto 6, que chega a questionar de que forma é exercida a própria autoridade religiosa. De fato, as críticas a uma Igreja que não fosse popular e que estivesse aliada às classes dominantes é recorrente em muitos volumes. Em outro volumes, dos mesmos autores, após comentar “a perversão de uma religião que na origem é essencialmente libertadora, para transformá-la em instrumento de opressão”, pergunta-se diretamente ao leitor: “De que forma a religião pode mascarar as injustiças?”²² Ou, ainda: “[...] qualquer teologia pode ser usada ideologicamente para mascarar a realidade e tornar aceitáveis até a própria escravidão e a morte”²³, e, novamente ao leitor: “Esta ou aquela teologia ajudam realmente para que *todos tenham liberdade e vida*?”²⁴

A própria Eucaristia, fundamental e inquestionável dentro da Igreja Católica, precisaria ser realizada tendo em vista a libertação, segundo Bortolini, “Podemos desconfiar das celebrações eucarísticas que não levam à transformação pessoal, comunitária e social”, celebrações que, “em vez de ser fonte de vida”, se tornariam “fonte de condenação”²⁵. Portanto, em alguns momentos, a perspectiva dos autores privilegia a questão social à própria prática católica.

Para além dos autores, é preciso considerar também como as intervenções editoriais conferem sentido ao texto publicado, transformando-o em livro. No início de cada volume, uma nota editorial introduzia a coleção. Iniciava com uma epígrafe:

“COMO LER A BÍBLIA”

21 STORNILO, Ivo & BALANCIN, Euclides Martins, Como Ler o Livro de Samuel: A Função da Autoridade, São Paulo, Edições Paulinas, 1991 (Como Ler a Bíblia), p. 54.

22 BALANCIN, Euclides Martins & STORNILO, Ivo, Como Ler o Livro de Amós: A Denúncia da Injustiça Social, 2. ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1991 (Como Ler a Bíblia), p. 30. O fato de haver uma segunda edição deste livro já em 1991 é bastante revelador dos interesses daqueles que adquiriam os volumes da coleção. Embora Amós não seja um livro muito popular da Bíblia, seu subtítulo, A Denúncia da Injustiça Social, parece ter chamado a atenção nas prateleiras das livrarias.

23 STORNILO, Ivo & BALANCIN, Euclides Martins, Como Ler o Livro de Gênesis: Origem da Vida e da História, 2. ed., São Paulo, Edições Paulinas, 1991 (Como Ler a Bíblia), p. 61.

24 Idem, ibidem. Grifos do original.

25 BORTOLINI, José, Como Ler a Primeira Carta aos Coríntios: Superar os Conflitos em Comunidade, São Paulo, Edições Paulinas, 1992 (Como Ler a Bíblia), p. 57.

“...apareceu um eunuco etíope, ministro de Candace, rainha da Etiópia... Tinha ido a Jerusalém em peregrinação, e estava voltando para casa. Ia sentado em seu carro, lendo o profeta Isaías. Então o Espírito disse a Filipe: ‘Aproxime-se desse carro e o acompanhe’. Filipe correu, ouviu o eunuco ler o profeta Isaías, e perguntou: ‘Você entende o que está lendo?’ O eunuco respondeu: ‘Como posso entender, se ninguém me explica?’ Então convidou Filipe a subir e a sentar-se junto a ele.

... Então o eunuco disse a Filipe: ‘Por favor, me explique: de quem o profeta está dizendo isso? Ele fala de si mesmo, ou se refere a outra pessoa?’ Então Filipe foi explicando” (At 8,27-31.34-35a).

Logo após a conversa com o pregador Filipe, o etíope afirma: “Eu acredito que Jesus Cristo é o Filho de Deus”. E é batizado. A *Bíblia Pastoral* explicava a passagem da seguinte forma, em nota de rodapé:

A conversão de um eunuco etíope mostra que a fé cristã quebra todas as barreiras, tanto raciais (o etíope é negro) como nacionais (ele é estrangeiro), tanto sociais (trata-se de escravo) como religiosas (o judaísmo não permitia que uma pessoa mutilada pertencesse à comunidade)²⁶.

Em um país como o Brasil, o trecho é ainda mais significativo. A questão da escravidão e do racismo foi também tratada (de forma breve, mas incisiva, como os demais temas da coleção) no volume *Como Ler a Carta aos Gálatas: Evangelho é Liberdade*, de José Bortolini²⁷.

Aberta pelo texto bíblico, a nota editorial à coleção *Como Ler a Bíblia* prossegue:

A série “Como ler a Bíblia” é, ao mesmo tempo, simples e ousada. É simples porque não pretende ser um comentário a cada livro da Bíblia, e sim uma chave de leitura, uma espécie de lanterna que nos ajuda a focalizar e a enxergar, no seu conjunto, um ou mais livros bíblicos. Mas é também uma proposta ousada, pois estimula a ler os textos com os pés no chão da existência, jamais perdendo de vista os anseios de vida e liberdade do nosso povo.

Não temos a pretensão de ser como Filipe, pois a Bíblia não pertence aos estudiosos, mas ao povo. Nossa tarefa está sendo a de nos aproximar do povo, acompanhá-lo, sentar junto a ele escutando, perguntando e indicando possíveis caminhos para a

²⁶ Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, São Paulo, Edições Paulinas, 1990, p. 1401.

²⁷ BORTOLINI, José, *Como Ler a Carta aos Gálatas: Evangelho é Liberdade*, São Paulo, Edições Paulinas, 1991 (Como Ler a Bíblia), pp. 9-15.

compreensão. Para tanto tivemos a coragem de sintetizar, num subtítulo, o possível eixo em torno do qual gira o livro em questão.

[...]

A EDITORA²⁸

Como em *História do Povo de Deus*, faz-se uma distinção clara entre o povo e os intelectuais. Porém, aqui, os editores reconhecem seu *status* de estudiosos. Ainda que neguem a pretensão de agir como o Filipe bíblico, a escolha da epígrafe deixa clara a intenção da coleção: explicar a Bíblia, mas, como completam os editores, a partir de uma perspectiva específica, isto é, privilegiando a vida concreta, material e cotidiana dos leitores.

Nota-se que os volumes não foram editados em ordem de “importância” ou popularidade dos livros bíblicos, mas sim de acordo com os temas que os autores e editores acreditavam que deveriam ser tratados prioritariamente. *Como Ler o Livro de Ageu: É Urgente Reconstruir*, escrito por Marc Girard²⁹, é um exemplo disso. Quando de sua publicação, em meados de 1992, a coleção possuía números sobre apenas dois dos evangelhos (Marcos e Mateus), o que não foi impedimento para que se abordasse um livro como o de Ageu, que, na edição Pastoral, por exemplo, possui apenas três páginas³⁰. O próprio Girard, na introdução, levanta a questão:

A gente pode se perguntar se realmente vale a pena ler em comunidade um livro bíblico tão breve e tão ligado a circunstâncias particulares.

[...]

De fato, como Palavra de Deus, o livrinho de Ageu contém um verdadeiro tesouro para ativar a nossa reflexão e estimular o nosso compromisso. Vamos tentar desenterrar o tesouro e aproveitá-lo para o nosso crescimento, tanto pessoal quanto comunitário³¹.

28 Grifos do original.

29 GIRARD, Marc, *Como Ler o Livro de Ageu: É Urgente Reconstruir*, São Paulo, Edições Paulinas, 1992 (Como Ler a Bíblia). Girard é membro da École Biblique et Archéologique Française de Jérusalem, instituição responsável pela *Bíblia de Jerusalém*, publicada no Brasil desde a década de 1970 pelas mesmas Edições Paulinas, tradução na qual também participaram Storniolo, Balancin e Bortolini. Os dois livros de Marc Girard, *Como Ler o Livro de Ageu* e *Como Ler o Livro dos Salmos: Espelho da Vida do Povo* (São Paulo, Edições Paulinas, 1992 [Como Ler a Bíblia]) são os mais teóricos da coleção. Neste último, com 93 páginas, enquanto a média da coleção é de sessenta, ele propõe uma tipologia dos salmos para fins de estudo e compreensão.

30 Bíblia Sagrada. Edição Pastoral, pp. 1213-1215.

31 GIRARD, Marc, *Como Ler o Livro de Ageu: É Urgente Reconstruir*, p. 7.

Os volumes tampouco eram numerados, isto é, não havia uma sequência determinada em que deveriam ser comprados e lidos. Na quarta capa, mais uma intervenção editorial. Cada volume trazia nesse espaço um texto correspondente à temática por ele tratada.

Em meados dos anos 1980, Scott Mainwaring via uma reação conservadora na Igreja brasileira. Ele percebia, porém, que a liderança exercida não apenas por bispos progressistas como também por intelectuais – “teólogos e cientistas sociais” – poderia contrabalançar a reação. Aos acadêmicos, poderíamos acrescentar os editores. Na década de 1990, a publicação da *Bíblia Pastoral* e das obras a ela relacionadas, como a coleção *Como Ler a Bíblia*, representam um novo fôlego para a influência³² da Teologia da Libertação, em especial nas comunidades eclesiais de base. Por outro lado, a despeito do esforço eclesiástico para estabelecer interpretações específicas do texto bíblico, as perspectivas pouco ortodoxas (e, por vezes, quase radicais) expressas nos volumes de *Como Ler a Bíblia* e na própria tradução *Pastoral* demonstram a existência de diversas interpretações no núcleo da Igreja Católica, impossibilitando que esta seja considerada como uma instituição única e homogênea.

João Batista Libânio também comentou a experiência dos Círculos Bíblicos³³. Segundo ele, neste método, a Bíblia seria o “espelho da vida”, “que leva o povo a conhecer melhor sua realidade presente e os apelos de Deus dentro dela”. E, prossegue, “O fim último dessa maneira popular de ler a Palavra não é tanto gerar mais uma interpretação da Bíblia, quanto principalmente interpretar a vida do povo à luz dessa palavra”³⁴. Portanto, as comunidades não estariam a serviço do texto bíblico, e sim o contrário. Assim, para esses autores e editores, a Bíblia seria utilizada como uma ferramenta para compreender a realidade. E, quem sabe, para transformá-la.

32 Uma questão que o objeto de estudo nos coloca diz respeito à espontaneidade dos movimentos de base, considerando os esforços religiosos, intelectuais e editoriais para direcioná-los. Embora sejam problemas que apenas um estudo de história da leitura poderia ajudar a esclarecer, cabe pontuar que as comunidades eclesiais de base também produziam seus próprios materiais, como apontado em CAMARGO, Candido Procopio Ferreira de, SOUZA, Beatriz Muniz de & PIERUCCI, Antônio Flávio de Oliveira, “Comunidades Eclesiais de Base”, em SINGER, Paul & BRANT, Vinicius Caldeira (org.), São Paulo: O Povo em Movimento, Petrópolis/São Paulo, Vozes/Cebrap, 1981, pp. 77-78.

33 LIBÂNIO, João Batista, *Teologia da Revelação a Partir da Modernidade*, 5. ed., São Paulo, Loyola, 2005 (1. ed. 1992). Por conta de nosso objeto de estudo, cabe pontuar que a Loyola é uma editora pertencente à Companhia de Jesus, congregação da qual Libânio era membro.

34 Idem, p. 98.